



*Eu costumava carregar comigo algumas fotos com imagens da Virgem Maria, feitas por diferentes pintores. Eram imagens bonitas, com cores luminosas como do amanhecer ou mais azuladas e sombreadas, como as do início da noite.*

Eu as utilizava para iniciar uma conversa sobre envelhecimento com um grupo de mulheres, cujas idades variavam de 70 a 98 anos. Em geral, apoiadas pela imagem, elas se referiam ao feminino, à graça, ao transcendente que perpassa o processo de viver e morrer, à gratidão, à fé necessária para os dias mais escuros, ao apoio recebido, em tempos de dificuldades.

A autora Clarissa Pinkola Estés (2012) nos apresenta diferentes personificações da imago Mãe em diferentes culturas, como o Fogo, a Guerreira, o Coração de Ouro, *La que sabe*, a Mãe Idosa, a Mulher Forte. Por exemplo, Nossa Senhora de Guadalupe é associada aos pobres, oprimidos, aos desamparados, acolhendo a tudo e todos, independentemente de sua devoção. É centrada na alegria e reparadora da tristeza (Estés, 2011).

Independente das crenças religiosas, a imago de Nossa Senhora, a *"Mãe Abençoada"* circunscreve nossos desejos e anseios de tê-la como alento ou força quando sentimos que perdemos o nosso rumo; nos aquecer quando tivermos frio e nos sentirmos sozinhas ou abandonadas, até pelos mais próximos; nos refrescar quando estivermos vivendo emoções muito quentes, quer seja, na mente, no espírito ou nos desejos. Ela pode representar a força do feminino, que nos pede para



sermos gentis, mas não submissos, quando nos quiserem impor ideias ou visões de mundo que contrariam nosso âmago.

Em outro livro, Estés (2007) nos convida a pensarmos na mulher idosa, a grandes avó, a *abuelita*, que representa o arquétipo da mulher sábia, que tem como tarefa desafiadora nada mais do que viver a vida plenamente. Não pela metade. Viver as agruras de cada dia. Não com as capacidades do outro. Mas, conforme a própria capacidade.

Ela descreve diferentes "*abuelitas*" como luminosas, como, por exemplo, as "grandes avós de avental", que tudo conhecem sobre a fartura e a carestia e guardam alimento para o corpo e para a alma. A "*abuelita*" é personificada como aquela que foi testada pelo tempo, não apenas sobreviveu, mas, se dedicou à tarefa de vicejar. Dedicou seu coração aos jovens, "*que ainda não conhecem a vida plena*" e também às obras de arte, vocações, filhotes de cachorros, gatos, adultos crescidos. As avós protegem "a luz do amor" no mundo.

Inspirados por esta visão mítica das avós, eu os convido a uma reflexão sobre a relevância do papel das avós no mundo de hoje, no qual as relações familiares, hoje, tão esgarçadas e emaranhadas, podem estar necessitando de costuras e remendos, que as avós bem sabem fazer.

A mãe e a avó podem ser vistas como importantes transmissoras do legado psíquico da família, ou seja, como os vínculos afetivos foram engendrados, dentro e fora do círculo familiar (Goldfarb e Lopes, 2022). Em outras palavras, o que determinada família tem como valores, costumes e virtudes em sua relação com os demais, como o amor, a generosidade, a compaixão, a integridade e respeito a si mesmo.



A mãe quando fala com seu bebê representa um solilóquio, a duas vozes, onde projeta sobre o filho toda sua herança afetiva, como também aquilo que gostaria de que ele se tornasse.

As avós exercem papéis tradicionais como provedoras de mimos e presentes, contadoras de histórias, cuidadoras de crianças na ausência dos pais.

São importantes figuras de apoio emocional e financeiro, perpetuam as histórias familiares, valores e tradições, além de poder ajudar diminuir a ansiedade das crianças, são suas confidentes, fortalecem sua autoestima e podem favorecer a independência dos netos, uma vez que já não precisam retê-los junto a si, podem moderar a influência negativa dos pais (Falcão et al., 2006).

Na velhice, a mãe, já avó, pode encontrar maneiras inusitadas de reviver a sua maternidade, agora sem mais as pressões e exigências da criação dos filhos, que lhes foi exigido anteriormente.

Assim, as mães, já avós, podem usar seus recursos de cura para proteger o que foi ferido, para dizer com compaixão o que precisa ser dito e não se calar, ou se calar, quando o silêncio for mais eloquente. As mães e avós podem oferecer seus alimentos e suas costuras de afeto a filhos, netos de sangue ou de coração. Podem oferecer seus aprendizados de vida na relação com o mais jovem. Podem também se entristecer pelo filho perdido, pelas experiências não vividas, pela doença que mingua a vida, pelos erros cometidos.



E assim, se dirigirem para aquele lugar onde: *“o local que almejamos é aquela terra psíquica habitada pelos velhos...onde o que é derrubado cresce de novo, e onde os ramos das árvores mais velhas florescem por mais tempo”*. (Estés, 2007, p. 84-85).

**Feliz dia das Mães! Mães e Avós e Avós postizas!**

## Referências

Éstes, CP. Libertem a mulher forte. O amor da mãe abençoada pela alma selvagem, Rio de Janeiro: editora Rocco, 2012.

Éstes, CP. A ciranda das mulheres sábias. Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem, Rio de Janeiro: editora Rocco, 2007.

Goldfarb, DG; Lopes, RG da C. Avosidade: A família e a Transmissão psíquica entre gerações. In: Freitas, EV de; Py, L (orgs). Cap 121. Tratado de Geriatria e Gerontologia, 5ª. Edição, p 1126-1131, 2022.





Arlete Portella Fontes.

Psicóloga, Psicoterapeuta, Mestre e Doutora em Gerontologia (Unicamp), Especialista em Gerontologia (SBGG, 2021), Psicodrama e Análise Bioenergética.

Tem atuado em ensino, pesquisa e projetos de atendimento na área do envelhecimento, saúde, bem-estar e qualidade de vida. Desenvolve, em parceria com outras especialistas, o programa: Rodas de Leitura para pessoas 50+, interessadas na leitura, tendo como pano de fundo o envelhecimento.

Tem dois livros publicados: Mulheres e suas histórias de envelhecimento (2022) e Costureira de Afetos (2023).

[arletepfontes@gmail.com](mailto:arletepfontes@gmail.com)

Outros artigos - [Sexualidade na velhice.](#)

